

			1352	

A fauna de madeira dos guaranis

Comunidades indígenas das Missões buscaram no passado da região a inspiração para criar pequenos animais

ISAURA DANIEL
Casa Zero Hora/Missões

– Provavelmente eles se basearam na transmissão oral sobre os animais – afirma Claudete Boff.

O registro de produção artística em madeira durante o período das reduções jesuíticas limita-se às esculturas religiosas e aos utensílios domésticos.

Crianças, adultos e idosos trabalham no artesanato

O trabalho de talhe de pequenos animais e também de montagem de cestas e balaios de seis artesãos indígenas missioneiros encontra-se reunido na exposição *Mbyá-Guarani*, no Centro de Cultura Missioneira da URI, até o dia 10 de junho. Os objetos foram confeccionados no meio da rotina comunitária da aldeia Tekoamirin, de São Miguel das Missões.

Um dos indígenas que colaborou para a mostra, Floriano Romeu, 35 anos, passa seis horas por dia montando a cestaria e esculpindo os animaizinhos. Os galhos da corticeira, depois de cortados e moldados com facas, recebem marcas escuras a ferro quente. Romeu aprendeu dos pais, aos nove anos, o trabalho que agora ensina aos filhos. O pátio de terra da aldeia é desenhado por pequenos círculos de pessoas, onde crianças, adultos e idosos ficam abrindo taquaras em filetes e raspando os galhos da guajuvira. Os R\$ 10 em média cobrados por cada peça, em vendas perambulantes e próximas de pontos turísticos, acabam representando o sustento das famílias dos indígenas.

Depois de ocuparem as mãos talhando imagens religiosas em cedro e trançando cestaria em taquara, em séculos anteriores, os índios guaranis de São Miguel das Missões, noroeste gaúcho, estão desenvolvendo outro tipo de arte.

Os índios foram buscar nos séculos 17 e 18 elementos da fauna da região para transformá-los em pequenos objetos artísticos. São pedaços da maleável corticeira e da guajuvira que sob instrumentos de corte transformam-se em tucanos, tatus, macacos, tamanduás, onças e corujas.

O trabalho de talhe dos animais é conhecido na região das Missões como prática indígena há pelo menos 15 anos. A coordenadora do Centro de Cultura Missioneira da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Claudete Boff, lembra que o trabalho nasceu da necessidade de sobrevivência e comercialização dos integrantes das aldeias.

Os mestrados de História da América Latina da URI e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) que estão desenvolvendo pesquisa sobre as Missões surpreenderam-se ao ver os mbyá-guaranis – designação ao tronco lingüístico dos indígenas missioneiros – talhando componentes naturais das antigas reduções com os quais não chegaram a conviver, mas pertenceram ao cotidiano dos seus antepassados. Desenhos realistas feitos pelo padre jesuíta José Sanches Labrador, em 1780, mostram animais que circulavam em meio à vegetação das antigas reduções com características semelhantes aos moldados pelos atuais moradores da Aldeia Tekoamirin.



Tradição do entalhe de animais em madeira passa de pais para filhos na região das Missões



Nas tramas da tradição

A tradição dos índios guaranis de confeccionar artesanalmente a cestaria que utilizam tem o seu primeiro registro histórico conhecido em um desenho realizado por volta de 1773, quando o viajante Keller Leuzinger traçou a figura de uma índia da região missioneira. Numa choça, a índia aparece rodeada pela rede e por objetos como porongos, tigelas e cestarias.

A antropóloga paraguaia Branislawa Susnik, em pesquisa sobre os indígenas, relata que os guaranis são muito mais dedicados à cestaria do que ao trabalho em cerâmica. Textos da antropóloga paraguaia e da pesquisadora argentina Maria Blanca Ituvalde também compõem a mostra *Mbyá-Guarani*, que, além das peças artesanais, é ilustrada com fotos.

O QUE: exposição de artesanato Mbyá-guarani
ONDE: no Centro de Cultura Missioneira (Rua Universidade das Missões, 393), em Santo Ângelo
QUANDO: de segunda a sexta-feira, das 8h às 11h30min, das 13h30min às 17h30min, e das 19h30min às 22h30min. Até 10 de junho

